

Invenções contemporâneas: proximidade, ética e gozo*

Doris Rinaldi¹

Freud em *O mal-estar na cultura* (1930) afirma que o laço social é a principal fonte de sofrimento para os homens. Ele ressalta a dificuldade que temos de admitir que as normas criadas por nós mesmos não foram capazes de prevenir esse sofrimento, o que o leva a suspeitar que haja algo de inconquistável no laço social, que diz respeito à nossa própria constituição psíquica (Freud, 1930).

Tomando essa observação como guia, gostaria de trazer à discussão alguns aspectos do laço social tal como se apresenta hoje, sob a vigência do discurso capitalista em sua copulação com o discurso técnico-científico.

Vivemos hoje sob o domínio da internet, das redes sociais, da comunicação imediata, que permite a conexão de pessoas em partes as mais distantes do mundo. Grande parte da população urbana do planeta está ‘on-line’. As novas mídias multiplicam de modo antes impensável as possibilidades de contatos, a constituição de redes de amigos, as oportunidades de encontros, seja no campo amoroso, seja em outros campos. A invenção da internet, que revolucionou as tecnologias da informação na segunda metade do século XX, expandindo-se principalmente no final deste século, tornou o mundo, de certa forma, menor. Hoje temos dificuldade de imaginar como era viver sem esse recurso, ainda que esse passado não seja tão longínquo. Ao possibilitar a comunicação virtual para além dos meios convencionais, a internet tem se mostrado uma ferramenta fundamental na divulgação da informação e do conhecimento, na pesquisa, e também na cooperação e mobilização política. Como temos visto recentemente, o seu poder é inegável como se pode ver nos movimentos de protesto que explodiram em diversos países no chamado mundo árabe e que, há poucos dias, incendiaram Londres e outras cidades da Inglaterra.

Esta nova forma de comunicação, se, de um lado, possibilita a circulação livre da informação, aproximando o distante, de outro, constrói-se basicamente a partir de ‘encontros’ que se fazem na virtualidade. Quais os efeitos que isso pode ter nos sujeitos e no próprio laço social?

* Este trabalho foi escrito a partir das discussões realizadas no grupo *Lacan e Heidegger* (IPB), com os colegas Ana Lúcia Falcão, Luiza Bradley de Araujo, Manoel Ferreira, Pedro Gabriel B. da Fonseca, Thereza Queiroz, André Luis Lopes e Paulo Proença.

¹ Psicanalista de Intersecção Psicanalítica do Brasil

Arriscando-me a abordar uma temática em que estamos todos mergulhados, o que pode exigir certo “tempo para compreender” de que ainda não dispomos, fui fustigada a falar sobre esse tema a partir da releitura recente de um texto de Heidegger, que é referência para Lacan: o ensaio intitulado A Coisa (1959).

Nesse ensaio, Heidegger introduz uma discussão de ordem ética, extremamente pertinente ao momento em que vivemos. Logo no início ele diz: “todo distanciamento no tempo e todo afastamento no espaço estão encolhendo” (Heidegger, 1959:143). Refere-se às invenções do avião, do rádio, do cinema e da televisão. E ainda não havia internet! Continua: “O homem está superando as longitudes mais afastadas no menor espaço de tempo... E, no entanto, a supressão apressada de todo distanciamento não lhe traz proximidade. Proximidade não é pouca distância” (Idem). “O que acontece quando, na supressão dos grandes distanciamentos, tudo se torna igualmente próximo e igualmente distante? O que é esta igualdade em que tudo não fica nem distante nem próximo, como se fosse sem distância?” (Idem: 144).

Essas indagações pareceram-me preciosas para discutirmos os novos modos de encontro, porque muito mais do que antes, com a invenção da internet, reina a falta de distância. A redução dos afastamentos traz, de fato, uma ilusão de proximidade, e os exemplos que temos dos encontros virtuais nas redes sociais, nos facebook, nos tweeters são veementes quanto a isso. Entretanto, será que isso traz proximidade? O que é proximidade?

A noção de proximidade é cara a Heidegger, assim como será cara a Lacan em suas articulações sobre a ética, em que estão em jogo o desejo e o gozo. Na formulação de Heidegger, inspiradora para Lacan, proximidade não é pouca distância, ao contrário, ela resguarda a distância pela vigência da Coisa. A noção de *das Ding*, enquanto vazio constitutivo, está no cerne da própria idéia de proximidade para Heidegger. Para ele, a Coisa não está na proximidade como se esta fosse um continente, mas “a proximidade só se dá e acontece na aproximação cumprida pela coisificação da Coisa” (Idem: 155).

Como não ver no modo como Lacan se refere à Coisa, ao dizer que seu fundamento é o próximo, as marcas do pensamento de Heidegger? É certo que é no texto freudiano, no Projeto para uma Psicologia Científica (Freud, 1895), na divisão do Complexo do Próximo (*Nebenmensch*), que Lacan encontra a noção de *das Ding*, que surge com a marca do enigma, da estranheza e da hostilidade. Algo que resiste ao reconhecimento, mas provoca uma poderosa impressão e determina o caminho de desejo do sujeito. Esse caminho, entretanto, mantém uma distância em relação à Coisa

distância essa que é condição do desejo. Lacan a denomina “distância íntima que se chama proximidade” (Lacan, 1959-60: 97) É ela que possibilita o jogo entre o desejo e o gozo que está na base de todo laço social, em especial do laço amoroso. A metáfora schopenhaueriana dos porcos espinhos a que Freud se refere em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921: 96) evidencia de forma brilhante que há algo de intolerável na aproximação demasiada do outro, que impõe a necessidade de uma distância, ainda que íntima. Distância ética que constitui o desejo.

No mundo atual, a partir das incidências das novas tecnologias, será que poderíamos falar em uma nova erótica onde reina o *sem distância*?

A expansão das chamadas redes sociais, que proliferam nessa primeira década do século XXI, em especial as redes de relacionamento ([facebook](#), [orkut](#), [myspace](#), [twitter](#), etc.), impuseram um redimensionamento das tradicionais concepções sociológicas acerca das relações sociais. Marcadas pela porosidade e pela efemeridade, podendo se fazer e desfazer rapidamente, elas ampliam o âmbito das possibilidades de contatos, interlocuções e formação de grupos, aproximando o distante. O que as caracteriza mais decisivamente, contudo, é que se constroem basicamente a partir de ‘encontros’ que se fazem na virtualidade e na *subtração da presença*. Quais os efeitos que isso pode ter no encontro com o outro? Como pensar o espaço do próximo nesse caso?

Quando examinamos a noção de proximidade, a noção de presença se impõe. Ela é cara tanto à filosofia quanto à psicanálise. O *Dasein* heideggeriano, o ser-aí, é traduzido muitas vezes por *presença*. Sem entrar no complexo pensamento do filósofo, extraio de seu texto *A origem da obra de arte* (1936) a expressão “*estranho antagonismo da presença*”, que me pareceu bastante oportuna para a discussão que proponho aqui. Diz ele: “Todo sendo, que vem ao encontro e nos acompanha submete-se a este estranho antagonismo da presença, na medida em que, ao mesmo tempo, sempre se mantém retraído num velamento” (Heidegger, 1936:133).

Há, portanto, uma opacidade da presença do outro, algo velado e enigmático que nos reconduz às considerações de Freud sobre o complexo do próximo (*Nebenmensch*), em sua divisão constitutiva. O encontro com o próximo se faz sob o signo de *das Ding*, ao mesmo tempo íntimo e externo, *ex-timo*, como diz Lacan, impondo uma distância íntima. O próximo é a presença do outro, em que algo escapa, um gozo opaco que remete ao corpo. A dimensão da presença é fundamental quando se fala de corpo e Lacan (1961-62) observa que a noção heideggeriana de *Dasein* fornece a idéia primitiva

que se pode ter do que é um corpo, sobre a qual não havia consenso na filosofia. Um corpo como um *ali*, constituinte da presença, cujas primeiras dimensões são a proximidade e o afastamento. Corpo que para Freud é atravessado pela pulsão e para Lacan, pelo gozo. No *Seminário 16, De um Outro ao outro*, ele afirma que “o próximo é a iminência intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplanagem higienizada” (1968-69: 219). É isso que assombra Freud quando eticamente recua diante do mandamento de amar o próximo como a si mesmo.

Será esse intolerável que é evitado nas chamadas redes de relacionamento promovidas pelo desenvolvimento da tecnologia? O que fica excluído nessas formas é o vazio que constituiu o próximo, que não é somente do outro, mas o meu próprio vazio e que me remete a esse gozo opaco do qual não posso me aproximar - o meu ou o do outro?

As redes sociais se articulam fundamentalmente pelo princípio da identificação e as conexões se fazem entre semelhantes, que compartilham imagens e significantes. A primazia do imaginário deixa na sombra a dimensão simbólica e principalmente a dimensão real do outro, evidenciada no enigma que envolve a presença. Não foi à toa que Freud articulou a resistência à presença do analista e Lacan explorou esse tema, acentuando a sua função na manutenção de uma posição conflitual necessária a qualquer análise. A presença do analista é testemunha irredutível de uma perda (Lacan, 1964: 122). Perda de gozo.

Fala-se hoje de “presença virtual” possibilitada pelas novas tecnologias que associam imagem e voz em “tempo real”. A instantaneidade da comunicação elimina a distância no tempo e *simula* a proximidade. Entretanto, presença não se resume ao significante nem a imagem, mas implica um “corpo-espinho” que goza e é isso que impõe uma distância íntima, de ordem ética, condição para o desejo.

Com a invenção do *objeto a*, Lacan precisou o que Freud indicou com *das Ding*, como objeto perdido, que funda o desejo do sujeito. O *objeto a* está no centro do enodamento borromeano dos três registros - real, simbólico e imaginário - que dá suporte ao sujeito como *fallasser*, mas também ao outro, na medida em que se faz próximo. É ele que, ao “fazer cócegas por dentro em *das Ding*” (Lacan, 1968-69:227) surge como causa de desejo, mas também como ponto de captura de gozo. O mais-de-gozar, formulado por Lacan a partir do conceito de *mais-valia* proposto por Marx, é “função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso” (Lacan, 1968-69:19). É ela que permite isolar a função do *objeto a*, que produz a distância que constitui o próximo.

No mundo atual, os objetos tecnológicos, como os laptops, tablets, Ipad, Ipods, iPhones e outras “bugigangas”, assim como as novas mídias, ocupam no discurso capitalista o lugar de mais-de-gozar, como objetos condensadores de gozo. O discurso capitalista, em sua associação com o discurso da tecnologia, os oferece como objetos descartáveis, que alimentam a falta de gozo de que se nutre a própria máquina capitalista, mas que trazem a promessa de um gozo garantido. Nas redes sociais, são esses objetos e o que se faz com eles que, como próteses, constituem os mediadores por excelência entre eu e o outro. Como se pode ver no filme *Rede Social* (EUA, 2010), que narra a história da criação do facebook, o que importa é conectar um número cada vez maior de “amigos”, que aumenta de forma exponencial e que pode chegar à escala mundial! – todos ligados! O meio, encarnado em um objeto, se sobrepõe ao laço, subvertendo a concepção de laço social na medida em que este se funda justamente na falta de objeto. Confirmam-se aqui as observações feitas por Marx em *O Capital*, sobre o fetichismo da mercadoria, onde as relações entre os homens assumem “a forma fantasmagórica de uma *relação entre coisas*” (Marx, 1867:71).

Hoje, com o capitalismo financeiro e uma revolução tecnológica da qual ainda não se tem a exata dimensão, vivemos, mais do que nunca, a fetichização do laço social. Disso recolhemos os efeitos na clínica e na observação de nossa vida cotidiana. Nessa nova conformação do laço social, como se constitui, então, o espaço do próximo? Poderíamos dizer que estamos em cheio naquilo que Heidegger aponta, isto é, na igualdade em que tudo fica sem distância? Lembrando Freud em “O mal-estar”, o homem hoje se apresenta como um “Deus de prótese” (Freud, 1930:90), como que prolongado por órgãos auxiliares – o Ipad, o Iphone, etc. - mas o que ele alcança? O outro como parceiro que, em um feliz ou infeliz encontro, pode ser suporte do objeto a? Ou o outro apenas como pré-texto para um gozo autista garantido pelos objetos tecnológicos? Quais são as conseqüências desse processo para o laço social?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología (1895), Buenos Aires, Amorrortu editores, 2006.

_____. Psicología de las masas y análisis del yo, (1921), Buenos Aires, Amorrortu editores, 2006.

_____. El malestar en la cultura (1930), Buenos Aires, Amorrortu editores, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte* (1936), tradução de Idalina Azevedo e Manoel Antonio de Castro, Ed. Bilíngüe, São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. *A Coisa* (1959), *Ensaio e conferências*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. pgs. 143-164.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise* (1959-60), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1988.

_____. *A identificação*, Seminário de 1961-62, Recife, Publicação para circulação interna, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1979.

_____. *O Seminário, livro 16, De um Outro ao outro* (1968-69), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

MARX, Karl. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo in: *O capital, crítica da economia política*, Livro primeiro (1867), tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, 2ª. Ed. São Paulo: Nova cultural, 1985.